

POR UMA EDUCAÇÃO AMBIENTAL TRÍPLICE: A DIALÉTICA DO ENSINAR, PESQUISAR E EXTENSIONAR NO PARQUE NATURAL MUNICIPAL DE NOVA IGUAÇU, RJ

FOR A TRIPLE ENVIRONMENTAL EDUCATION: THE DIALECTICS OF TEACHING, RESEARCHING AND EXTENSIONING IN THE MUNICIPAL NATURAL PARK OF NOVA IGUAÇU, RJ

Edileuza Dias de Queiroz
Gabriel dos Santos Martins

Resumo

O artigo em tela intenciona trazer à baila reflexões acerca da amplitude da Educação Ambiental (EA), e como esta pode se materializar através de ações em diferentes espaços onde a instituição universitária atua. Para tal, foi utilizada literatura do campo da EA em sua vertente crítica e análise de experiências formativas em espaços formais – escola e universidade – e, não formais – Parque Natural Municipal de Nova Iguaçu/RJ. Ressalte-se aqui a importância da integração de diferentes atores para a implementação das atividades de EA nesses espaços, visto que isto possibilita a amplitude e a totalidade que favorecem a efetividade do processo formativo do cidadão.

Palavras-chave: Educação Ambiental. Espaços formais e não formais. Processos formativos.

Abstract

The article on screen intends to bring to light reflections on the scope of Environmental Education (EA), and how this can materialize through actions in different spaces where the university institution operates. For that, literature from the field of EA was used in its critical aspect and analysis of formative experiences in formal spaces - school and university - and non - formal - Municipal Natural Park of Nova Iguaçu / RJ. It is important to emphasize the importance of the integration of different actors in the implementation of EE activities in these spaces, since this allows the amplitude and totality that favor the effectiveness of the formative process of the citizen.

Keywords: Environmental Education; Formative processes; Formal and non-formal spaces.

Recebido em: 04/06/2018

Publicado em: 23/11/2018

POR UNA EDUCACIÓN AMBIENTAL TRÍPLICE: LA DIALÉCTICA DE LA ENSEÑANZA, BUSCAR Y EXTENSIONAR EN EL PARQUE NATURAL MUNICIPAL DE NOVA IGUAÇU, RJ INTRODUÇÃO

Resumen:

El artículo en pantalla pretende traer a la reflexión sobre la amplitud de la Educación Ambiental (EA), y cómo ésta puede materializarse a través de acciones en diferentes espacios donde la institución universitaria actúa. Para ello, se utilizó literatura del campo de la EA en su vertiente crítica y análisis de experiencias formativas en espacios formales - escuela y universidad - y, no formales - Parque Natural Municipal de Nova Iguaçu / RJ. Se resalta aquí la importancia de la integración de diferentes actores para la implementación de las actividades de EA en esos espacios, ya que esto posibilita la amplitud y la totalidad que favorecen la efectividad del proceso formativo del ciudadano.

Palabras clave: Educación Ambiental. Espacios formales y no formales. Procesos formativos.

Introdução

Sabemos que a construção da educação ambiental (EA) crítica se faz de suma importância no tempo presente (GUIMARÃES, 2004a, 2004b; LOUREIRO, 2004), para o enfrentamento do quadro da crise socioambiental proporcionada pela estrutura paradigmática do sistema-mundo moderno-colonial (HAESBAERT e PORTO-GONÇALVES, 2006; QUIJANO, 2005; MIGNOLO, 2008), pois seu fundamento filosófico-político e teórico-metodológico é o da formação de sujeitos ambientalmente responsáveis que se comprometam, de forma crítica, com a construção de sociedades sustentáveis (TOZONI-REIS, 2007) frente às mazelas, desigualdades, explorações, injustiças, em suma, da destruição da vida que imperam o conjunto das relações sociais, políticas, econômicas e culturais.

Sabemos, também, que o próprio campo da EA é diverso, constituído por muitas concepções, ideologias, arcabouços teórico-metodológicos e práticas (LAYRARGUES, 2003), e por isso mesmo a importância da intencionalidade política na afirmação de que, aqui, tratamos de uma concepção de educação forjada pela participação, pela sensibilidade e horizontalidade, instituídas pelo processo dialógico em amorosidade (FREIRE, 1987) com a comunidade. Acreditamos que esse tipo de EA tem muito a contribuir com a construção de novas relações sociais, pois não passamos por uma crise da natureza, e sim, da sociedade (LEFF, 2008). Ou seja, afirmamos e defendemos uma EA tríplice, construída por ensino, pesquisa e extensão, categorias de ações em dialética, sem qualquer grau de hierarquia entre tais.

O rigor da pesquisa advém com o compromisso teórico e metodológico, onde o campo epistemológico se inventa e reinventa de forma constante, mas a pesquisa pela pesquisa não é o suficiente, há de enfatizarmos a importância do ensino (das relações de ensino-aprendizagem) e da extensão, esta última que sempre é deixada de lado pela academia, mas que pode revelar grandes potenciais para a construção de uma ciência renovada, atenta às demandas e problemáticas dos sujeitos subalternizados e que pode, certamente, contribuir mais efetivamente para um mundo ambientalmente mais justo.

O presente escrito objetiva trazer algumas experiências formativas por vias político-pedagógicas intencionadas com a construção de uma EA crítica tríplice no Parque Natural Municipal de Nova Iguaçu (PNMNI), localizado no mapa 1. Atividades que só puderam ser realizadas com a participação da comunidade acadêmica e escolar do entorno da Unidade de Conservação (UC), que visaram a busca de um quadro diferente no que se refere ao uso público do Parque. A realização do que se segue no trabalho foi proporcionada dentro do projeto piloto do Programa de Voluntários, que foi parte da tese de Doutorado intitulada *Uso Público no Parque Natural Municipal de Nova Iguaçu-RJ: trilhando entre possibilidades e dificuldades*, defendida na Universidade Federal Fluminense, pela segunda autora do presente artigo, em abril de 2018.

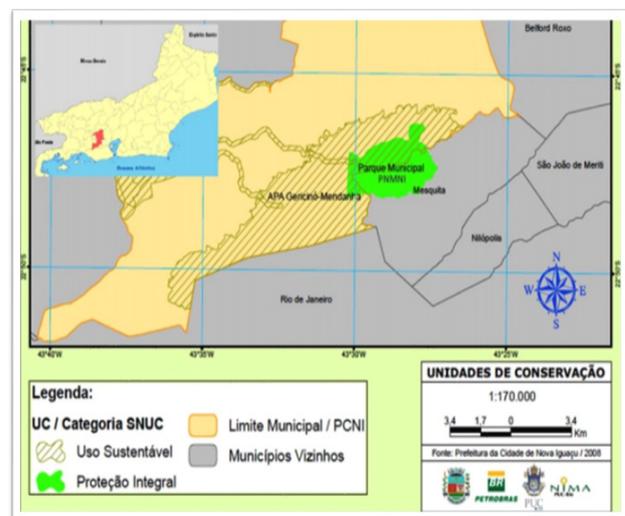
O trabalho de voluntariado é uma prática muito comum em muitas UC do Brasil e do mundo, constitui-se de um conjunto de ações e medidas que têm como objetivo central a participação das pessoas de diversas áreas em trabalhos voltados à garantia e manutenção das atividades de educação e conservação ambiental. O trabalho deve envolver a construção da consciência sobre a importância da busca por novas relações com os aspectos socioambientais através das ações diretas com as áreas de proteção ambiental, mantidas pelo compromisso ético-político e o rigor crítico. O projeto piloto teve alguns eixos de orientação para a concretização dos trabalhos: a) Educação Ambiental; b) Monitoramento e orientação aos visitantes; c) Apoio à Gestão; d) Mutirão. Cada num desses eixos com uma sub-coordenação, formada por alunos de Graduação da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro/ Instituto Multidisciplinar (UFRRJ/IM).

A EA é uma das ações que se inserem com grande relevância no conjunto do trabalho voluntariado, com medidas efetivas para o trabalho de base realizado com a comunidade, para a construção de renovadas concepções acerca do meio em que estão inseridos. Um trabalho que mostra seus resultados, paulatinamente, para a concretização de um ideal da relação entre sociedade e a natureza mediados pela educação.

Apresentaremos 3 atividades realizadas no ano

de 2016, planejadas e executadas por alunos e professores da UFRRJ/IM, funcionários do Parque e estudantes e professoras da Escola Municipal Ondina Couto (Mesquita, RJ) localizada na zona de amortecimento da UC. A primeira, Corrida de Orientação no Parque; a segunda, cartas para a comunidade; e a terceira, a realização do I Mine Curso para futuros educadores ambientais. A descrição e resultados das atividades serão descritas com a intenção de contribuir para o campo teórico-metodológico em EA, fornecendo categorias prático-formativas acerca do processo grupal, da pesquisa em participação, da EA comunitária e escolar.

Mapa 1 – Localização do PNMNI



Fonte: Oliveira e Costa, 2013.

Corrida de Orientação no Parque: possibilidade prático-reflexiva

A elaboração do trabalho teve como método de investigação a realização de um trabalho de campo no PNMNI, e dentro do conjunto de atividades do campo foi realizada uma Corrida de Orientação (CO) com fins didático-pedagógicos para a EA crítica com alunos do 4º e 5º ano do ensino fundamental da Escola Municipal Ondina Couto.

Apesar das variadas modalidades e meios para a realização do desporto, no geral, a CO é praticada dentro de um mesmo padrão: por meio da busca de pontos de controles – pontos previamente marcados no terreno em que a atividade é realizada -, onde o orientista (nome do praticante), através

da orientação pelo mapa e suporte da bússola, deve achar tais pontos enumerados e marcar em um registro, chamado de cartão de controle. Dada a partida, vence aquele que conseguir marcar corretamente na sequência numérica todos os pontos de controle no menor tempo (DONELLES, 2010; FIGUEIREDO, 2003).

Para além de um desporto, a CO está ganhando cada vez mais espaço como metodologia de ensino, pois, de forma geral, “cada jogo requer o esforço de uma ou várias funções intelectuais: observação, atenção, memória, julgamento, imaginação, vocabulário, invenção de ordens, rapidez de espírito [...]” (JACQUIN, 1960, p. 73 *apud* PASINI, 2007, p. 40). É uma atividade que instiga a curiosidade nos educandos que, para o nosso trabalho desenvolvido com a EA escolar, foi inspirada em Freire (1996, p. 54) ao afirmar que “o exercício da curiosidade convoca a imaginação, a intuição, a emoções, a capacidade de conjecturar, de comparar”. Por meio da diversidade de materiais que se empregam para a realização da Corrida, estes que já despertam certa curiosidade nos educandos (bússolas, mapas) porque não são cotidianamente manuseados na escola, o professor terá certa facilidade de introduzir a atividade. Outro fator se refere ao campo de realização da atividade, que pode ser (e preferencialmente deve ser) em um espaço totalmente novo para o aluno, distante da realidade dos espaços tradicionais de ensino. Em um ambiente diferente de atuação, o aluno ficará mais curioso de descobrir e conhecer, e “ao descobrir o mundo maravilhoso da natureza, acaba por comparar, relacionar, deduzir, classificar, analisar, sintetizar” (ANTUNES, 1998, p. 63).

A CO é uma metodologia de ensino que tende a ajudar a enriquecer as temáticas desenvolvidas e trazidas pela EA. Mas é para ser posta como instrumento que subsidiará as temáticas ambientais, não deve ser tratada como única no processo de ensino, sem suporte e apoio de arcabouço teórico. Se a atividade for realizada dessa maneira, será uma prática da EA conservadora, uma armadilha paradigmática, que apenas tende a conservar o pensamento hegemônico, dicotomizado, fragmentado, em consonância com ideais ideológicos dominantes (GUIMARÃES, 2004a). Proposta totalmente

divergente da que optamos, propõe-se a CO alicerçada nos preceitos da EA crítica, voltada para a práxis da transformação, que visa o educando sujeito ativo/participativo de intervenções nas realidades para os processos de superação das crises ambientais (GUIMARÃES, 2004a). A CO deve ser fomentada como meio a facilitar a construção de conteúdos (e temas ambientais) que devem ser trabalhados cotidianamente em sala, sempre com diálogo e questionamentos, no exercício de pensar a interação do local com o global para o desvelar das dinâmicas/problemas socioambientais.

Antes da realização da CO, em julho de 2016, foi realizada uma dinâmica introdutória na sala de aula com os educandos, iniciado por um debate crítico-reflexivo sobre a percepção ambiental de cada um, onde foi exposto e construído com os mesmos um conceito de ambiente e de natureza mais complexo e totalizante, não os definindo como apenas o verde, a natureza intocável, o que não pertence ao cotidiano do ser humano. A discussão se ampliou para identificação/diagnóstico das problemáticas socioambientais presentes no local, dentro de um processo definido por Meyer (1991, p. 16 *apud* TOZONI-REIS, 2007, p. 99) de mapeamento ambiental:

O mapeamento significa um inventário, um levantamento e um registro da situação ambiental do bairro e da cidade em seus múltiplos aspectos como: saneamento (água, esgoto e lixo), flora e fauna, recursos hídricos minerais, indústria e comércio, organização social do trabalho, serviço de saúde, patrimônio histórico, artístico e arquitetônico, áreas de lazer, agricultura, pecuária, hábitos alimentares e crenças. Enfim, inventariar as relações sociais que os seres humanos vão estabelecendo entre si e os demais seres vivos, quem se apropria e como se apropria dos elementos naturais (água, ar, terra, fogo), do céu, da flora e da fauna.

Inicialmente, a discussão foi centrada na degradação do rio Dona Eugênia (que tem seu curso em frente à escola), debatemos sobre as práticas predatórias (queimadas, lixos no leito, programa de saneamento da prefeitura que direcionou o esgoto para o rio) e as possíveis ações para a transformação da realidade vigente. A mudança de hábitos individuais foi mais citada por eles para a busca da transformação, mas após algumas perguntas instigadoras sobre o fato de

ser possível fazer isso apenas com mudanças particulares (centradas no indivíduo), outras ações emergiram como possibilidades: conversas com amigos e familiares para terem outra relação com o meio; ideia da elaboração de uma carta ao prefeito; entre outros. Guimarães (2004a) afirma que as ações mediadas pela concepção crítica em EA não podem ser individuais, pois seus ideais políticos (que consideram a transformação da realidade do paradigma moderno-colonial) só podem ser efetivamente consolidados com o princípio da relação, da ação conjunta, coletiva, movimento e exercício por meio da cidadania.

Esse movimento tem por base a perspectiva complexa da realidade, negando a EA *desideologizada*¹ (LAYRARGUES, 2003). Loureiro (2004, p. 67), por sua vez, complementa afirmando que entende a EA transformadora a partir de uma matriz que enxerga a educação “como elemento de transformação social (movimento integrado de mudança de valores e de padrões cognitivos com ação política democrática e reestruturação das relações econômicas)”, que tem por base os princípios já mencionados acima (exercício da cidadania, participação dos sujeitos na coletividade), para a superação das formas de dominações e injustiças, com a compreensão do mundo a partir da complexidade como totalidade.

Após dois dias, os educandos foram levados ao PNMNI para a realização da CO e consolidação das temáticas abordadas em sala de aula. Houve a divisão em duas equipes com um número estimado de 10 crianças para cada. As equipes ganharam um croqui² de uma área específica do Parque (que foi selecionada para a CO, podendo ser observada no mapa 2, no caminho das águas), além de pranchetas e canetas. Cada equipe deu a largada em tempo diferente, mas houve cronometragem do percurso para averiguação da equipe “vencedora”. Foram orientados pelos croquis até os pontos de controle (que estavam representados por garrafas pet, no mapa 2, esses pontos estão numerados como os poços), além

do acompanhamento por alguns monitores. Havia quatro pontos de controle, três com uma frase trazendo um ideal positivo para as relações socioambientais e um com desenho realizado por uma educanda após a atividade realizada em sala (um desenho contendo aspectos ditos naturais e uma menina, promulgando um ambiente em perspectiva ampla, com interação entre sociedade-natureza). A passagem pelos pontos de controles consistiu na transcrição da frase para uma folha, o que serviu como avaliação para saber se, de fato, todos passaram pelos pontos na ordem correta.

Quando a CO terminou, foi realizada uma breve discussão e resgate dos aspectos tratados durante a atividade, debate norteado pelas frases dos pontos de controle: “O meio ambiente é o meu lar, minha família, meus amigos”; “Cite uma ação boa para o rio que vocês fazem”; “Precisamos lutar para ter um ambiente bom!”.

Foi reiterado o conceito de ambiente de forma mais integral, que abarcam tanto os aspectos naturais como antrópicos, uma relação não dicotomizada. No PNMNI, eles foram convidados a observarem alguns aspectos da vegetação, do microclima, da fauna e na interação de todos esses fatores para a vida humana. Aspecto bastante ressaltado foi o sentido empregado ao verbo “lutar” da frase acima. Pois a luta é constante, diária, e podemos fazê-la de muitas formas possíveis, mas sempre pautados na reflexão crítica acerca das relações sociais, políticas e econômicas do nosso sistema.

Segue abaixo um modelo de carta que pode ser usada para a CO no PNMNI, contendo pontos dos geossítios que podem ser usados como os pontos de controle.

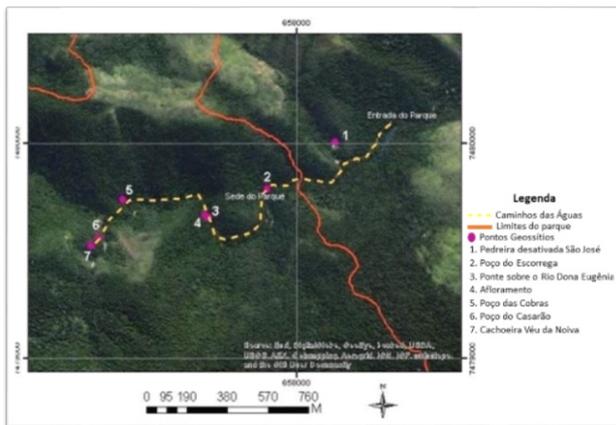
Segue abaixo um modelo de carta que pode ser usada para a CO no PNMNI, contendo pontos dos geossítios que podem ser usados como os pontos de controle.

1 EA que se constitui apenas pela sua função moral socializadora relativa à mudança ambiental, que omite (negando ao mesmo tempo) a sua função ideológica de reprodução das condições sociais.

2 Ressaltamos que esse croqui pode ser realizado de forma improvisada, até mesmo à mão, caso não haja condições técnicas para tal. Importa que haja algumas informações

básicas: título, legenda e, se for possível, a escala.

Mapa 2 – Geossítios no PNMNI



Fonte: Oliveira e Costa, 2013.

Cartas para a comunidade: outros “papeis” da EA

A interação dos alunos com a comunidade é uma tática possível para pensarmos uma EA efetiva, com o compromisso de estabelecer novas relações com o ambiente. Nessa etapa do trabalho, os educandos estiveram em processo de atu(ação), sendo sujeitos participativos, agentes mensageiros para a aquisição de posturas e hábitos renovados, além de disseminadores de valores, concepções e ações.

A percepção das problemáticas ambientais no local (bairro Coreia, Mesquita, RJ) pelos moradores da comunidade se apresenta como insatisfatória, essa foi uma constatação oriunda de um questionário realizado em campo com os moradores. Sendo assim, ações educativas devem ser pensadas para isso. A interação dos alunos com a comunidade pode auxiliar em uma percepção mais crítica/olhar mais atento para as questões ambientais inerentes ao local. O trabalho tem início nas aulas de EA fornecidas para os alunos da Escola Municipal Ondina Couto, por meio do Programa Mais Educação, que proporcionou aulas/oficinas extras, no horário integral. Nesse intervalo de tempo, alguns conteúdos referentes às percepções, análises e questionamentos da realidade socioambiental puderam ser trabalhados com de cine-debates, jogos lúdicos, confecção de maquetes do lugar. Esse trabalho inicial se constituiu de máxima importância para o desenvolvimento do projeto das cartas, visto que a importância de tal atividade a ser

realizada na comunidade ficou mais clara após o (re)conhecimento das problemáticas do lugar na construção de consciência crítica com os alunos.

O projeto foi realizado em dois dias, um para a confecção das cartas pelos alunos e outro destinado à entrega delas para a comunidade. Estiveram presentes as turmas do 1º ao 5º ano do ensino fundamental. As cartas foram feitas no dia 28 de setembro de 2016, com a presença de dois voluntários em cada sala para monitorar a construção (imagem1).

Imagem 1- Monitores ministrando a atividade da carta



Fonte: Martins, 2016.

A primeira etapa em sala de aula consistiu na explanação da importância dos alunos estarem levando para os seus vizinhos a importância da conservação, o contato da escola com os moradores do entorno pode facilitar a construção de uma consciência ambiental mais justa com o equilíbrio das relações naturais. Sendo assim, levamos algumas frases já prontas para eles escreverem, tais como:

Conservar o meio ambiente é cuidar da nossa gente.
Se cuidarmos da natureza, nosso bairro terá grande beleza.
Conservar o meio ambiente é conservar a vida.
Precisamos amar, respeitar e cuidar do nosso ambiente.
Meu meio ambiente é meu lar, preciso cuidar.
Um pássaro em liberdade é bonito de verdade.
Vote com consciência, a prefeitura não está cuidando bem do nosso local.

O rio Dona Eugênia tem uma história incrível:
Você o conhece? Procure o Parque Natural!

Além dessas frases, os alunos ficaram à vontade para escreverem outras ou para desenharem o que eles queriam de diferente para o rio para a comunidade (imagem 2). Havia cartas com apenas uma frase; outras, apenas desenhos; mas a maioria conteve uma frase e um desenho. Lemos algumas frases conjuntamente, fazendo reflexões e as adequando para a realidade local. As cartas foram finalizadas no mesmo dia por um método de dobra que permite a confecção de uma carta com apenas uma folha de ofício, com o conteúdo centralizado e as pontas do papel servindo para moldar o formato tradicional de carta.

Imagem 2 – Educanda da EM Ondina Couto confeccionando uma carta



Fonte: Martins, 2016.

No dia 25 de outubro retornamos para fazer a entrega das cartas. Contamos com a ajuda dos funcionários da escola para fazer o trajeto (imagem 3). Antes da saída, fizemos o resgate da importância daquela ação e orientamos a forma ideal que a entrega deveria ser feita, com um “Bom dia!”, um “Oi!” e explicar o que aquela carta significava.

Os alunos se animaram muito com a atividade, muitos ficaram com vergonha pelo contato com outras pessoas, mas alguns foram muito bem na abordagem, sem vergonha, rindo, brincando e alertando para os cuidados com a riqueza natural do local. Os moradores do entorno foram bem receptivos com a proposta, gostaram de ver os educandos na rua e prestaram atenção nas nossas falas.

Imagem 3 – Entrega das cartas na comunidade da Coreia/Mesquita,RJ



Fonte: Martins, 2016.

O fechamento da atividade se deu na escola, no nosso retorno, onde realizamos uma roda de diálogo para levantamento de alguns pontos importantes, uma conversa para ressaltar a importância da conservação promovida pelo Parque e uma relação mais íntima dos moradores locais com a UC.

I Minicurso para futuros educadores ambientais

O curso foi voltado para os alunos do curso de formação de professores do ensino fundamental I (Curso Normal). Teve como proposta a inserção da dimensão ambiental crítica na formação dos futuros profissionais da educação. Felizmente, a procura pelo curso foi de um público muito variado, o que tornou a experiência como um todo muito mais significativa, pois se inscreveram alunos do curso de formação de professores; professoras que já atuam na rede; estudantes de graduação dos cursos de geografia, biologia e pedagogia; além de profissionais de outras áreas.

Partimos do pressuposto que há grandes lacunas que envolvem os processos de ensino-aprendizagem da EA nos cursos de formação (GUIMARÃES, 2004b). Professores se formam sem o domínio crítico das múltiplas relações que envolvem as dinâmicas socioambientais nas variadas escalas entre o global-local. Com uma formação fragilizada, sem o domínio dessas abordagens, os professores formados tenderão a perpetuar os paradigmas da moderno-colonialidade, em suas práticas pedagógicas.

Sendo assim, o grupo do Programa de Voluntariados no Parque, apresentou o I Minicurso de Formação de Educadores Ambientais, visando a aquisição de múltiplas

experiências para os futuros educadores, com mais uma oportunidade para que revisassem as práticas didático-pedagógicas em EA por meio dos momentos para discussões teóricas e práticas que o curso proporcionou.

Imagem 4 – Minicurso de EA em Unidades de Conservação



Fonte: Queiroz, 2016.

O minicurso foi realizado em dois dias, um primeiro momento mais teórico-conceitual e outro destinado ao trabalho de campo no Parque. O primeiro dia teve duas turmas (manhã e tarde) na UFRRJ-IM, com a participação do professor Dr. Mauro Guimarães e da professora Dr.ª Cristiane Cardoso, ambos da UFRRJ/IM, que fomentaram rodas de diálogo com temas cruciais da EA e sua inserção no cotidiano escolar enquanto prática transformadora (imagem 5). A agenda temática elaborada previamente foi cumprida com êxito, contendo a seguinte estrutura:

Paradigmas vigentes da relação sociedade-natureza
O papel da educação para o enfrentamento das problemáticas socioambientais;
(Re)pensar nas práticas educativas ambientais
Demandas e possibilidades da educação para a inserção crítica da prática educativa
Possíveis ações didático-pedagógicas, como o trabalho de campo no Parque

Uma pequena bibliografia foi estruturada para embasamento teórico do curso:

Temáticas gerais	Referências
Paradigmas vigentes da relação homem-natureza. O atual sistema de produção capitalista.	*PORTO-GONÇALVES, Carlos Walter. Os des-caminhos do meio ambiente . Editora Contexto – SP, 1989. Capítulo VI (os (des) caminhos do conceito de natureza no ocidente) *GUIMARÃES, Mauro. A natureza do problema .
O papel da educação e do professor nas problemáticas socioambientais	*GUIMARÃES, Mauro. A formação de educadores ambientais . Papirus, 2004. Capítulo VI (A formação de educadores ambientais)
(Re)pensar nas práticas educativas ambientais	*MELO, Gutemberg. Noções práticas de educação ambiental para professores e outros agentes multiplicadores . IBAMA, 2007.
Bibliografias complementares	*GUIMARÃES, Mauro. Educação Ambiental Crítica . In Identidades da educação ambiental brasileira / Ministério do Meio Ambiente. Diretoria de Educação Ambiental; Philippe Pomier Layrargues (coord.). – Brasília: Ministério do Meio Ambiente, 2004. p. 25-35 *FREIRE, Paulo. Pedagogia da Autonomia: Saberes necessários à prática educativa . São Paulo: Paz e Terra, 1996. *CASCINO, Fabio. Educação Ambiental: princípios, história, formação de professores . São Paulo: Editora Senac, 1999.

Professores convidados e os monitores do voluntariado dividiram as falas para este primeiro momento tão importante do minicurso, a consolidação teórica para a abordagem em EA

é de suma importância. No momento da tarde uma convidada contribuiu para pensarmos em algumas formas e ações que não se inserem na lógica do sistema econômico, cultural e social do capitalismo. Janaína de Mattos Farias, aluna do curso de educação do campo, explicou um pouco sobre as abordagens desse campo epistemológico e de suas ligações com preceitos renovados acerca da relação sociedade-natureza, tão essenciais na contemporaneidade.

Imagem 5 - Professor Dr. Mauro Guimarães conversando com os cursistas do turno da manhã



Fonte: Martins, 2016.

O objetivo maior do segundo dia de atividades foi demonstrar a potencialidade didático-pedagógica que um trabalho de campo pode fomentar nas UC para a EA (MARTINS e QUEIROZ, 2017). Os cursistas foram convidados a pensar o como a relação mais íntima com aquele determinado ambiente pôde ser essencial para a construção e aquisição de renovadas estruturas de pensamentos, além de associarem diretamente os parâmetros teórico-conceituais na prática.

A convidada professora Dr^a Flávia Lopes de Oliveira (Universidade do Estado do Rio de Janeiro) realizou uma interessante trilha guiada levantando os aspectos da geodiversidade e de suas potencialidades para o ensino, dando ênfase aos atributos geológicos e geomorfológicos. Para além das potencialidades ditas naturais, analisamos desde o início da trilha de acesso da entrada do Parque as relações entre sociedade e natureza ali presentes, discutimos a urbanização que “afoga” cada vez mais a zona de amortecimento da UC, a grande quantidade de

lixo dispersa nas margens do rio Dona Eugênia, a falta de atenção do poder público municipal, as relações entre a degradação do meio ligada aos ciclos histórico-econômicos do Município de Nova Iguaçu, RJ, entre outros.

Imagem 6 - Segunda parte do curso na Unidade de Conservação



Fonte: Queiroz, 2016.

O Minicurso se constituiu de um trabalho de base, voltado para a comunidade escolar de Nova Iguaçu, para os habitantes interessados em aliar as concepções da EA crítica com a UC do Município. A maioria dos cursistas não conhecia o Parque, se surpreenderam com os atributos do mesmo. Aos que já conheciam, foram convidados a construir novas concepções com o espaço, um novo olhar para o mesmo substrato material que faz emergir o *lôcus* paisagístico que reúne múltiplos fenômenos culturais e históricos.

Considerações finais

Através das atividades que foram realizadas, acreditamos que apesar dos obstáculos existentes para a implementação de atividades de EA voltadas para os diversos públicos/espços existem caminhos possíveis para vencê-los. Exige muito comprometimento e vontade política e representam grandes desafios. Atividades de EA contribuem muito, pois “pode ser considerada a porta que abre várias possibilidades no cenário onde o uso público é inserido nas Unidades de Conservação” (PIMENTEL; MAGRO, 2014, p. 4). Assim, abrange diferentes espaços de atuação, seja no entorno ou no interior dos Parques, seja nas escolas ou universidades.

Nesta direção, consoante Mellazo (2005, p. 50) as atividades de EA “devem proporcionar à

comunidade uma maior sensibilização em relação ao meio ambiente com o propósito de fortalecer o exercício da cidadania e as relações interpessoais com a natureza”, isso pode desenvolver “atitudes capazes de produzirem novas ações coerentes com a sustentabilidade ambiental, cultural, econômica, social e espacial”.

Referências

ANTUNES, C. *Jogos para Estimulação das Múltiplas inteligências*. Petrópolis: Vozes, 1998.

DORNELLES, J. O. F. *Prospecto de apresentação do Esporte Orientação. Confederação Brasileira de Orientação*. Santa Maria. Julho de 2010.

FIGUEIREDO, O. D. *História dos Esportes*. Editora Senac. São Paul, 2003.

FREIRE, P. *Pedagogia do oprimido*. 17ª ed. Paz e Terra, RJ, 1987. Disponível em: <http://www.dhnet.org.br/direitos/militantes/paulofreire/paulo_freire_pedagogia_do_oprimido.pdf> Acesso em: 16 mar. 2017).

GUIMARÃES, M. *Educação Ambiental Crítica*. In LAYRARGUES, P. (coord). *Identidades da educação ambiental brasileira / Ministério do Meio Ambiente*. Diretoria de Educação Ambiental; – Brasília: Ministério do Meio Ambiente, 2004a. p. 25-35.

_____. *A formação de educadores ambientais*. Campinas: Papirus, 2004b.

HAESBAERT, R.; PORTO-GONÇALVES, C. W. *A nova des-ordem mundial*. São Paulo: Editora UNESP, 2006.

LAYRARGUES, P. P. *A Natureza da ideologia e a ideologia da natureza: elementos para uma sociologia da educação ambiental*. Tese de doutorado, departamento de sociologia do Instituto de filosofia e ciências humanas da Universidade Estadual de Campinas, 2003.

LEFF, E. *Saber Ambiental: sustentabilidade, racionalidade, complexidade, poder*. 6º ed.- Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.

LOUREIRO, C. F. B. *Educação Ambiental Transformadora*. In LAYRARGUES, Philippe. (coord). *Identidades da educação ambiental*

brasileira / Ministério do Meio Ambiente. Diretoria de Educação Ambiental; – Brasília: Ministério do Meio Ambiente, 2004. p. 25-35.

MARTINS, G. S.; QUEIROZ, E. D. *Educação Ambiental no Parque: uma proposta para a inserção da dimensão socioambiental através do trabalho de campo*. In SEABRA, G. (org). *Educação Ambiental: biomas, paisagens e o saber ambiental*. Ituiutaba: Barlavento, 2017.

MELLAZO, G.C. *A percepção ambiental e educação ambiental: uma reflexão sobre as relações interpessoais e ambientais no espaço urbano*. Olhares & Trilhas, Uberlândia, ano VI, nº 6, 2005.

MIGNOLO, W. *Desobediência epistêmica: a opção descolonial e o significado de identidade em política*. Cadernos de letras da UFF – Dossiê: Literatura, língua e identidade, nº 34, p. 287-324, 2008.

PIMENTEL, D. S.; MAGRO, T. C. *Diferentes dimensões da educação ambiental para a inserção social dos Parques*. In: Anais...Uso Público em Unidades de Conservação, n. 2, v.2, Niteroi, 2014. Disponível em: <http://www.uff.br/usopublico>. Acessado em: 3 mar. 2018.

QUIJANO, A. *Colonialidade do poder, eurocentrismo e América Latina*. In LANDER, Edgardo (org). *A Colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais, Perspectivas latino-americanas*. Colección Sur Sur, CLACSO, Ciudad Autónoma de Buenos Aires, Argentina. 2005.

PASINI, C. G. D. *Corrida de Orientação*. Pedagogia, Técnica e Tática. Santiago: Ponto Cópias, 2007.

TOZONI-REIS, M. F. *A construção coletiva do conhecimento e a pesquisa-ação participativa: compromissos e desafios*. Pesquisa em educação ambiental, volume 2, nº 2, julho/dezembro de 2007.

Sobre os autores:

Edileuza Dias de Queiroz é Doutora em Geografia pela Universidade Federal Fluminense; Docente da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro/ Instituto Multidisciplinar; membro do GEPEADS/UFRRJ-IM. E-mail: edileuzaqueiroz@gmail.com.

Gabriel dos Santos Martins é Mestrando do Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro; membro do GEPEADS/UFRRJ-IM. E-mail: gabrieldossantosmartins@yahoo.com.br